

VI

Psicofonia consciente

Desdobravam-se os serviços da casa, harmoniosamente.

Três guardas espirituais entraram na sala, conduzindo infeliz irmão ao socorro do grupo.

Era infortunado solteirão desencarnado que não guardava consciência da própria situação.

Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por forças que não conseguia identificar.

— E' um desventurado obsessivo, que acabam de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajusta — informou Áulus, compadecido. — Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de extenuar-se em festiva loucura. Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para conchegar-se às verdades do espírito.

E como quem já conhecia as particularidades da prestação de socorro que, decerto, fôra antecipadamente preparada, continuou explicando:

— Reparem. E' alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer alienado mental em estado grave. Desenfaiando-se da veste de carne, com o pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto

de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda do veículo físico, na deficiência espiritual em que se achava, deixou-o integralmente desarvorado, como naufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrios orgânicos de vulto. Por haver a doente solicitado nosso concurso assistencial, somos constrangidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê apavorado diante das realidades do espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna, abalada pelo abraço constringente da hera, reclama limpeza em favor do reajuste.

Nesse ínterim, os condutores, obedecendo às determinações de Clementino, localizaram o sofredor ao lado de Dona Eugênia.

O mentor da casa aproximou-se dela e aplicou-lhe forças magnéticas sobre o córtex cerebral, depois de arrojear vários feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote.

Notámos que Eugênia-alma afastou-se do corpo, mantendo-se junto dele, a distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela.

Ante o quadro, recordei as operações do mundo vegetal, em que uma planta se desenvolve à custa de outra, e compreendi que aquela associação poderia ser comparada a sutil processo de enxertia neuro-psíquica.

Suspiros de alívio desprenderam-se do tórax mediúnico que, por instantes, se mostrara algo agitado.

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

Porque eu lhe dirigisse um olhar de interrogação e estranheza, Áulus explicou, prestimoso:

— E' o fenómeno da psicofonia consciente ou trabalho dos médiuns falantes. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias dela, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fôsse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, qual a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas, se esse socorrista cai no

padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados, permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.

— Então — alegou Hilário —, nesses trabalhos, o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...

— Sim, sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste, o medianeiro não deve ausentar-se demasiado... Com um demente em casa, o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos cônscios de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio demorar-se-á guardado com segurança. No concurso aos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

Fitou Eugênia preocupada e vigilante, ao pé do enfermo que começava a falar, e sentenciou:

— Se preciso, nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que o comunicante é a ação, mas no qual a médium personifica a vontade. Em todos os campos de trabalho, é natural que o superior seja responsável pela direção do inferior.

O visitante passou a destra pela face num gesto de alívio e bradou, transformado:

— Vejo! Vejo!... Mas por que encantamento me prendem aqui? que algemas me afivelam a este móvel pesado?

El acentuando a expressão de assombro, prosseguia:

— Qual o objetivo desta assembleia em si-

lêncio de funeral? quem me trouxe? quem me trouxe?!...

Vimos que Eugênia, fora do veículo denso, escutava todas as palavras que lhe fluíam da boca, transitariamente ocupada pelo peregrino das sombras, arquivando-as, de maneira automática, no centro da memória.

— O sofredor — disse o Assistente, convicto —, ao contacto das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos e deslumbra-se. Queixa-se das cadeias que o prendem, cadeias essas que em cinquenta por cem decorrem da contenção cautelosa de Eugênia. Porta-se, dessa forma, como um doente controlado, qual se faz imprescindível.

— E se nossa irmã relaxasse a autoridade? — inquiriu Hilário, curioso.

— Não estaria em condições de prestar-lhe benefícios concretos, porque então teria descido ao desvairamento do mendigo de luz que nos propomos auxiliar — esclareceu o nosso instrutor, com calma.

E numa imagem feliz para ilustrar o assunto, juntou:

— Um médium passivo, em tais circunstâncias, pode ser comparado à mesa de serviço cirúrgico, retendo o enfermo necessitado de concurso médico. Se o móvel especializado não possuir firmeza e humildade, qualquer intervenção seria de todo impossível.

— Mas nossa amiga está enxergando, conscientemente, a entidade que se lhe associa ao vaso carnal, com tanta clareza quanto nós? — perguntei por minha vez, atento aos meus objetivos de aprendizado.

— No caso de Eugênia, isso não acontece — elucidou Áulus, condescendente —, porque o esforço dela na preservação das próprias energias e o interesse na prestação de auxílio com todo o coeficiente de suas possibilidades não lhe permitem a necessária concentração mental para surpreender-

-lhe a forma exterior. Entretanto, reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registando-lhe o sofrimento e o mal-estar.

Ao passo que se dilatava a nossa conversação, o comunicante gritava, contundente:

— Estaremos, porventura, num tribunal? porque uma recepção estranha quanto esta, quando sou o importunado que comparece? a mim, Libório dos Santos, ninguém ofende sem revide...

Como se a consciência o torturasse, através de criações interiores que não nos era dado perceber, vociferava, frenético:

— Quem me acusa de haver espoliado minha mãe, lançando-a ao desamparo? não sou culpado pelas provações dos outros... Não estarei, acaso, mais doente que ela?...

Nessa altura, Hilário fixou o obsessor, com padecidamente, e indagou, respeitoso:

— Não serão os seus padecimentos simples angústia moral?

— Não tanto assim — aclarou Áulus —; as crises morais de qualquer teor se nos refletem até no veículo de manifestação. O beneficiário desta hora tem o cérebro perispirítico dilacerado e a flagelação que lhe invade o corpo fluídico é tão autêntica quanto a de um homem comum, supliciado por um tumor intra-craniano.

Demonstrando-se sumamente interessado no estudo, Hilário acentuou:

— Se fôssemos nós os companheiros encarnados, com sede de maiores conhecimentos da vida espiritual, poderíamos submetê-lo a interrogatório minucioso? Estaria em posição de identificar-se perfeitamente?

Áulus abanou levemente a cabeça e considerou:

— Nas condições em que se encontra, o cometimento não seria viável. Estamos abordando apenas um problema de caridade, que se reveste,

porém, da mais elevada importância para a vida em si. Na hipótese de efetivarmos o tentame, conseguiríamos tão somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros do raciocínio. Trazendo consigo a herança de uma existência desequilibrada e fortemente atraído para a mulher que o ama e de quem se fez desabrido perseguidor, a nada aspira, por agora, senão à vida parasitária, junto à irmã, de cujas energias se alimenta. Envolve-a em fluidos enfermiços e nela se apóia, assim como a trepadeira que se alastra e prolifera sobre um muro... Somando tudo isso ao choque oriundo da morte, não temos o direito de esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal.

Enquanto isso, Libório prosseguia, alucinado:

— Quem poderá suportar esta situação? alguém me hipnotiza? quem me fiscaliza o pensamento? Valerá restituir-me a visão, manietando-me os braços?

Fixando-o com simpatia fraterna, o Assistente informou-nos:

— Queixa-se ele do controle a que é submetido pela vontade cuidadosa de Eugênia.

Ruminando as indagações que nos esfervilhavam na alma, Hilário objetou:

— Consciente a médium, qual se encontra, e ouvindo as frases do comunicante, que lhe utiliza a boca assim vigiado por ela, é possível que Dona Eugênia seja assaltada por grandes dúvidas... Não poderá ser induzida a admitir que as palavras proferidas pertençam a ela mesma? Não sofrerá vacilações?

— Isso é possível — concordou o Assistente —; no entanto, nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito.

— Mas... e se a dúvida a invadissem? — insistiu meu colega.

— Então — disse Áulus, cortês —, emitiria da própria mente positiva recusa, expulsando o comunicante e anulando preciosa oportunidade de serviço. A dúvida, nesse caso, seria congelante faixa de forças negativas...

Todavia, porque Raul Silva iniciara a conversação com o hóspede revoltado, o orientador amigo convidou-nos a melhor observar.

